

**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
A PAIXÃO MEDIDA

POSFÁCIO

Abel Barros Baptista

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro
sobre *Homenagem a Fontana II*, 1967,
de Nelson Leirner, 180 × 125 cm.
Cortesia da Galeria Silvia Cintra.

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Jaime Azenha

REVISÃO

Marina Nogueira
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

A paixão medida / Carlos Drummond de Andrade
; posfácio Abel Barros Baptista — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2398-8

I. Poesia brasileira I. Baptista, Abel Barros. II. Título.

14-00698

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

I. Poesia: Literatura brasileira 869.91

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

11	A folha
12	A suposta existência
15	Arte poética
16	A paixão medida
17	Os cantores inúteis
18	Ante um nu de Bianco
19	A festa do Mangue
23	Fonte grega
24	O prisioneiro
25	A cruz e a árvore
28	O historiador
29	Patrimônio
30	Aparição
31	Nascer de novo
33	O nome
34	Confronto
35	Memória húngara
36	Antepassado
38	A corrente
39	O que viveu meia hora
40	Evocação
41	O homem escrito
42	A morte a cavalo
43	Água-desfecho
44	Rifoneiro divino
45	Os deuses secretos
46	Igual-desigual
47	A palavra
48	A visita
57	O marginal Clorindo Gato
68	Declaração de amor
69	Versos de Deus

72	História, coração, linguagem
74	O poeta
75	Posfácio
	<i>Campanhas, visitas, nenhuma campanha,</i>
	ABEL BARROS BAPTISTA
87	Leituras recomendadas
89	Cronologia
95	Crédito das imagens
97	Índice de primeiros versos

A FOLHA

A natureza são duas.
Uma,
tal qual se sabe a si mesma.
Outra, a que vemos. Mas vemos?
Ou é a ilusão das coisas?

Quem sou eu para sentir
o leque de uma palmeira?
Quem sou, para ser senhor
de uma fechada, sagrada
arca de vidas autônomas?

A pretensão de ser homem
e não coisa ou caracol
esfacela-me em frente à folha
que cai, depois de viver
intensa, caladamente,
e por ordem do Prefeito
vai sumir na varredura,
mas continua em outra folha
alheia a meu privilégio
de ser mais forte que as folhas.

A SUPOSTA EXISTÊNCIA

Como é o lugar
quando ninguém passa por ele?
Existem as coisas
sem ser vistas?

O interior do apartamento desabitado,
a pinça esquecida na gaveta,
os eucaliptos à noite no caminho
três vezes deserto,
a formiga sob a terra no domingo,
os mortos, um minuto
depois de sepultados,
nós, sozinhos
no quarto sem espelho?

Que fazem, que são
as coisas não testadas como coisas,
minerais não descobertos — e algum dia
o serão?

Estrela não pensada,
palavra rascunhada no papel
que nunca ninguém leu?
Existe, existe o mundo
apenas pelo olhar
que o cria e lhe confere
espacialidade?

Concretitude das coisas: falácia
de olho enganador, ouvido falso,
mão que brinca de pegar o não

e pegando-o concede-lhe
a ilusão de forma
e, ilusão maior, a de sentido?

Ou tudo vige
planturosamente, à revelia
de nossa judicial inquirição
e esta apenas existe consentida
pelos elementos inquiridos?
Será tudo talvez hipermercado
de possíveis e impossíveis possibilíssimos
que geram minha fantasia de consciência
enquanto
exercito a mentira de passear
mas passeado sou pelo passeio,
que é o sumo real, a divertir-se
com esta bruma-sonho de sentir-me
e fruir peripécias de passagem?

Eis se delineaia
espantosa batalha
entre o ser inventado
e o mundo inventor.
Sou ficção rebelada
contra a mente universa
e tento construir-me
de novo a cada instante, a cada cólica,
na faina de traçar
meu início só meu
e distender um arco de vontade
para cobrir todo o depósito
de circunstâncias coisas soberanas.

A guerra sem mercê, indefinida,
prosegue,
feita de negação, armas de dúvida,

táticas a se voltarem contra mim,
teima interrogante de saber
se existe o inimigo, se existimos
ou somos todos uma hipótese
de luta
ao sol do dia curto em que lutamos.

ARTE POÉTICA

Uma breve uma longa, uma longa uma breve
uma longa duas breves
duas longas
duas breves entre duas longas
e tudo mais é sentimento ou fingimento
levado pelo pé, abridor de aventura,
conforme a cor da vida no papel.

A PAIXÃO MEDIDA

Trocaica te amei, com ternura dáctila
e gesto espondeu.
Teus iampos aos meus com força entrelacei.
Em dia alcmânico, o instinto ropálico
rompeu, leonino,
a porta pentâmetra.
Gemido trilongo entre breves murmúrios.
E que mais, e que mais, no crepúsculo ecoico,
senão a quebrada lembrança
de latina, de grega, inumerável delícia?